

## Cartas a uma jovem psicanalista

Heitor O’Dwyer de Macedo

(Perspectiva, São Paulo, 2011, 321 páginas)

Resenhado por: Maria Laurinda Ribeiro de Souza<sup>1</sup>

Ao iniciar esse livro com uma menção à alegria presente no nome de Freud e à exigência, enquanto analista, de uma “vida viva”, Heitor já imprime no leitor uma abertura receptiva para sua escrita. A radicalidade de uma de suas afirmações é a explicitação desse afeto tão presente nos meandros de sua escrita: “todo desejo de pensamento é, na verdade, um desejo de sentir alegria” (p. 141); uma manifestação da vitória sobre os processos de destruição da mente. Reconhece-se nessa ênfase dada à alegria a presença de Spinoza, muitas vezes lembrado ao longo desta correspondência e menção explícita na última de suas cartas: “Aceitar que o pensamento sempre supõe certa intensidade de angústia e que a criação de uma nova representação do mundo se dá na fronteira da loucura é o preço a pagar, em termos freudianos, para que a alegria (spinoziana) possa advir” (p. 287).

Por outro lado, esta forma tão coloquial de apresentar suas ideias remete-nos também ao início da psicanálise, à correspondência de Freud que nos permitiu ter acesso às vicissitudes que marcaram a construção original de um novo campo de conhecimento. Se o livro inaugural da psicanálise, *A interpretação dos sonhos*, nos revela a autoanálise de Freud, Heitor reproduz o mesmo movimento com essas cartas, ao revelar generosamente seu percurso, suas marcas históricas, suas referências. E é assim que ele hipotetiza que, para cada analista, é o seu percurso, seu mundo interno, sua biografia e suas teorias, tudo que formou seu pensamento e sua sensibilidade que, no encontro com os analisandos, dará origem a um processo de criatividade absoluta, impossível de normatizar e prever.

Esse livro responde também a um compromisso ético com a psicanálise, explicitado logo de início pelo autor: “Dois eixos de reflexão percorrem estas cartas: a imbricação entre teoria e prática na clínica de um psicanalista e minha concepção do sentido e da responsabilidade dessa profissão, sua ética – o que é um modo de prestar homenagem àqueles que me formaram, ao que recebi como herança, formação e herança que me cabe transmitir” (p. XX). Entre os que participaram de sua formação e a quem explicita seu reconhecimento, há lugares especiais para Françoise Dolto, Gisela Pankow, Piera Aulagnier, Joyce McDougall, Victor Smirnoff, Winnicott, Ferenczi e interlocuções privilegiadas

1 Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

com Michel Neyraut, Michel Artières, Philippe Réfabert, Loup Verlet, Françoise Davoine, Jean-Max Gaudillière, Claude Lanzmann.

Na primeira carta, uma referência imediata ao seu lugar; ele será “o acompanhador”, aquele que acompanha, que pensa com, que caminha ao lado daquele que inicia sua vida como analista e a quem vai apresentando o que constitui o campo transferencial: o inconsciente do analista, do analisando, a repetição, a transferência. Um acompanhante especial, já que é também um amigo, pois, diz ele, a amizade é o operador do pensamento por excelência, não havendo diferença entre a ética da psicanálise e a ética da amizade.

As questões que angustiam os aprendizes desse ofício são abordadas considerando-se sempre a sua própria experiência e com um alerta constante para o risco do caráter ritualístico, obsessivo, de certas práticas – assim é com as dúvidas referentes ao uso do divã, à frequência dos encontros e ao pagamento das sessões. Heitor apresenta sua clínica e as soluções que foi encontrando em função do que essa prática lhe suscitava. Prática fortemente marcada pelo atendimento às crianças e aos loucos que o instigaram a não negligenciar a acolhida necessária para o acaso e para o inesperado, condições básicas para o trabalho analítico.

As cartas são densas e breves. Constroem no dia a dia dos encontros uma nova costura dos fragmentos clínicos, das dúvidas teóricas, dos achados conceituais, das referências herdadas. Seu relato é também uma forma de nos situar dentro do campo psicanalítico – a importância dos primeiros analistas, os movimentos institucionais, as aberturas e dissidências, a tendência à normatização e as rupturas que se fizeram em defesa da necessária preservação da ética.

É no contexto da crítica aos regimes ditatoriais, do golpe militar vivido no Brasil e da cumplicidade de alguns analistas com o terror da tortura<sup>2</sup> que Heitor faz uma homenagem a Hélio Pellegrino. Ela se inicia com o relato do afeto doloroso da notícia de sua morte:

“Durante várias semanas fiquei profundamente deprimido. Até o dia em que me ocorreu a ideia de que uma vida não era suficiente para transmitir tudo o que o Hélio tinha me dado, para honrar minha dívida. E esse pensamento me encheu de alegria e me devolveu o desejo... Hélio foi o intérprete psicanalista incansável do mundo em que viveu, do tempo que atravessou, da cidade em que morara... A todos nós ele ensinou o método de combate contra a ditadura com as únicas armas de que dispúnhamos perante a brutalidade: o pensamento e a indignação” (p. 84-85). É com esse legado que Heitor pode afirmar sem hesitação que “quem tenta o compromisso impossível entre um pensamento ético e a violência institucional nunca teve realmente um pensamento para defender” (p. 86).

2 Uma análise detalhada do que ocorreu nesse momento histórico e que revela a relação entre as instituições psicanalíticas e a repressão política do regime estabelecido em 1964, encontra-se no livro de Helena Besserman Vianna, *Não conte a ninguém*, publicado pela Imago, em 1994.

Essa proximidade com Hélio Pellegrino desdobra-se, ao longo do livro, em temas e referências que ganham destaque, mesmo quando não estão explicitamente abordados: o horror dos sistemas totalitários, o lugar da loucura, suas possibilidades de expressão como tentativas de encontro com o outro, as experiências traumáticas e a necessidade de seu reconhecimento em um espaço onde possam ser escutadas. Foram essas preocupações que o mobilizaram para a realização de um encontro em Paris, em 1986, para dar voz aos psicanalistas latino-americanos que sofreram ou acompanharam o sofrimento daqueles que foram atingidos em seu corpo e em seu psiquismo pelo terrorismo desses Estados. Esse encontro deu origem ao livro *Le Psychanalyste sous la terreur*, publicado na França, em 1988.

Das diversas proposições teóricas desenvolvidas em sua correspondência, vou assinalar dois momentos que me pareceram inovadores. O primeiro refere-se à leitura singular do texto freudiano “Mais além do princípio do prazer”, tema presente na carta onze. Heitor chama a atenção para o movimento compulsivo de Eros e para uma energia própria do Eu ligada à função de paraexcitação, insistindo na ideia de que a compulsão à repetição, assinalada por Freud como um mecanismo inerente às pulsões de morte, exige necessariamente “a admissão de um caráter igualmente compulsivo e repetitivo das pulsões de vida, cujo exemplo mais eloquente é a tensão que acompanha o imenso trabalho psíquico exigido por um encontro amoroso ou pela criação de uma obra” (p. 75). Essa pressão compulsiva por parte de Eros seria tão insuportável para o Eu consciente quanto a que se repete a partir de Thanatos. Tal insuportabilidade adviria de um investimento do desprazer, de uma busca de tensão que abriria o caminho para a realização do desejo. Ou seja, a tensão inquietante e perturbadora de uma nova tarefa não seria sinal de uma impossibilidade ou de uma resistência, mas antes condição necessária para sua realização.

O segundo refere-se à problematização a respeito do ódio. Sua experiência com a loucura e, especialmente, com a paranoia permite-lhe elaborar o lugar metapsicológico do ódio a partir da relação transferencial. Heitor nos apresenta, na carta catorze, as hipóteses de Phillippe Réfabert, para quem a paranoia se constitui como efeito do desconhecimento do ódio que foi expulso para dentro da criança pelos próprios pais. E prossegue, ampliando essa enunciação na carta trinta e quatro: “O ódio de si, consequência da interiorização do ódio vindo dos pais, está integrado a uma imensa culpa. É a culpa que a criança tomou para si, no lugar dos pais, nos quais ela está ausente.” (p. 258). Na relação transferencial essa culpa e o ódio originário reaparecerão nas atuações do analista e poderão, por meio de seu reconhecimento e elaboração, encontrar outro destino. Mas o ódio é também o operador da separação necessária dos primeiros objetos de amor; a via que garante a existência da alteridade. É o ódio na mãe que lhe permite reconhecer seu bebê como um outro separado dela, e com o qual ele

também se identifica. Neste caso, o ódio aparece como um fator constituinte e não como um afeto intrusivo; efeito do sadismo negado por parte dos pais.

O autor termina suas cartas retomando a importância da alegria e do humor e ressaltando a função protetora, consoladora e amorosa do superego em contraste com a ênfase que se tem colocado, na história do movimento psicanalítico, no caráter tirânico e destrutivo dessa instância; um superego “obsceno e feroz”, como Lacan, por exemplo, o apresenta. Nessa direção, explicita o diálogo interno mantido pelos dois interlocutores privilegiados em sua formação: Freud e Spinoza.

Ao discorrer sobre o reconhecimento e interesse de Freud por Spinoza, Heitor recoloca, ao final de seu livro, o fio que liga as diferentes cartas e o tom em que elas nos são apresentadas: são relatos que fazem do analista a testemunha que só um amigo pode ser. Amigo que se dispõe a transmitir às novas gerações a forma pela qual exerce o seu ofício. E que ao fazê-lo, conversa, também, com seus próprios pares, já que, nessa arte, somos sempre aprendizes. Em termos mais gerais, diz ele, “a amizade vai funcionar como um operador de pensamento quando o encontro entre os dois protagonistas se ocupar da invenção da vida a partir do reconhecimento das produções do inconsciente – configuração que concerne à análise propriamente dita” (p. 319).

Maria Laurinda Ribeiro de Souza  
R. dos Otonis, 120 | Vila Mariana  
04025-000 São Paulo SP  
Tel: 11 5572-3589  
mlrsouza@uol.com.br

Recebido em: 26/9/2011  
Aceito em: 27/10/2011